



SOBERANIA CIENTÍFICA: UMA ESCOLHA INADIÁVEL

Estamos em tempos de corrida eleitoral! Ao que, junto a outras vozes como a da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), consideramos que as eleições de 2026 deveriam se constituir oportunidade de discussão concreta e comprometida em demarcar as escolhas fundamentais para o desenvolvimento científico no Brasil. Perguntas que não calam: “quanto o país pretende investir em pesquisa e desenvolvimento? Como garantir estabilidade para o financiamento da ciência? Que capacidade queremos ter para produzir medicamentos, desenvolver tecnologias estratégicas, proteger nossos dados e participar das transformações trazidas pela inteligência artificial?” (Garcia, 2026, online).

Todas elas nos remetem à soberania científica que diz respeito à capacidade de um país de produzir conhecimento próprio, formar seus pesquisadores e tomar decisões baseadas em evidências nacionais”, algo que “não se constrói por decreto nem se sustenta sem investimento contínuo” e adequado nas universidades públicas, nas agências de fomento, nas bolsas de mestrado e doutorado, nas bolsas de iniciação científica, nos recursos para que docentes e pesquisadores desenvolvam suas pesquisas e que possam compartilhá-las em eventos nacionais e internacionais sem que precisem utilizar recurso próprio para tal, dentre outras questões. É fato que o Brasil detém um sistema de educação superior pública e de pós-graduação que é reconhecido e que é referência, mas este sistema e todo o seu conjunto vive sob pressão constante. Conforme Garcia e Smaili (2026, online), “esse patrimônio [educação superior pública e de pós-graduação] está sob pressão. Preservá-lo e fortalecê-lo é uma escolha política, e uma escolha que define o tipo de país que queremos ser”.

Nesse contexto, uma coisa é certa, nós, os trabalhadores da Ciência, devemos estar atentos a quem escolhe, como pauta no processo eleitoral, a Ciência e, consequentemente, a soberania científica, pois sobre estas as autoras supracitadas advertiram que “não se improvisa”.

Com estas reflexões, considerando o papel fundamental da universidade pública no ecossistema científico, a PG&C, nesta edição, apresenta o v. 16, n. 2, maio/ago. 2026 que contempla nove Relatos de Pesquisa e um Relato de Experiência.

Fica, para você, o desejo de uma excelente experiência de leitura e até o nosso próximo número!

João Pessoa, Paraíba, Brasil, 30 de agosto de 2026.

Os Editores

Luciana Ferreira da Costa e Jorge de Oliveira Gomes

REFERÊNCIAS

GARCIA, F. P. **Editorial**. *Jornal da Ciência*. 2026. Disponível em: https://www.jornaldaciencia.org.br/edicoes/?url=https://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/4-editorial-soberania-se-construi-com-ciencia/&btg_flag=1&utm_source=ALLINMAIL&utm_medium=email&utm_content=309879061&utm_campaign=JC_N_8000&utm_term=y.jm.lt92.yu82bo.f.we.a.f.gdz92.yu.embu.f.waj.v.hb&btg_source=ySeqzDufyHVfBxXawTupvDulYx1fBxXg9HQ8&utm_smid=11902066-1-1. Acesso em: 28 ago. 2026.

GARCIA, F. P.; SMAILI, S. **Editorial**. Disponível em: <https://portal.sbpcnet.org.br/noticias/editorial-universidades-publicas-a-base-da-soberania-cientifica-do-brasil/>. Acesso em: 28 ago. 2026.